

## CICATRIZES INVISÍVEIS A LONGA JORNADA DE RECUPERAÇÃO DO ABUSO INFANTIL

Sheila Cristina Rocha da Conceição Orilio<sup>1</sup>

Paulo Vinícius Frazão<sup>2</sup>

Aline Cristina Ribeiro Barbosa Oliveira<sup>3</sup>

Amanda de Freitas Brito Almeida<sup>4</sup>

Edith Maria Marques Magalhães<sup>5</sup>

### RESUMO

Prevenir o abuso infantil é uma responsabilidade compartilhada entre a sociedade, o Estado, as escolas e as famílias. O abuso infantil é uma violação dos direitos fundamentais da criança e é considerado um dos problemas mais graves que afetam a sociedade. Essa forma de violência pode ocorrer de várias maneiras, incluindo abuso físico, psicológico, sexual e negligência. O impacto profundo, não só para as vítimas, mas também para a sociedade como um todo, pois as crianças que sofrem abuso podem carregar os efeitos desse trauma por toda a vida. O projeto em pauta surge a partir do diálogo da orientadora e aluna bolsista do projeto denominado o *Calendário Colorido: Arco Íris da Educação e Saúde: uma campanha de conscientização e Prevenção*, proposto no ano de 2024, diante solicitação da diretora de uma escola da rede pública perceberem que temas sobre o Alcoolismo, Drogas e Abuso Sexual para as turmas do 5º ano, pois tais fatos são presentes nas famílias. Nesse sentido, o projeto em voga teve como objetivo conscientizar alunos da Educação Básica sobre os sinais de abuso e como proceder em casos suspeitos sendo formas mais eficazes de prevenir o abuso infantil, onde as crianças devem ser ensinadas sobre seus direitos e sobre como identificar comportamentos inadequados. A metodologia utilizada foi por acesso as experiências subjetivas pelo método do Desenho nas Oficinas por considerarmos a dificuldade das crianças em expressar sentimentos e pensamentos de maneira verbal e o desenho oferece uma saída para essa expressão. Nesse sentido, iniciamos a análise do conteúdo dos desenhos, observando o aspecto visual dos participantes, nos permitindo procurar padrões, símbolos recorrentes ou novas formas de pensar, proporcionando um espaço controlado, mas aberto, para que os participantes realizem seus desenhos e compartilhem símbolos recorrentes ou novas formas de pensar que surgiu a partir das representações gráficas.

**Palavras-chave:** Abuso Infantil, Desenhos, Sentimentos, Representações Gráficas

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Iguazu – RJ; [rochasheila240@gmail.com](mailto:rochasheila240@gmail.com) ;

<sup>2</sup> Doutorando do Curso de Pós-Graduação em Humanidades, Cultura e Artes da UNIGRANRIO – RJ; [professor.viniusedf@gmail.com](mailto:professor.viniusedf@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Iguazu – RJ; [alinepietroribeirooliveira@gmail.com](mailto:alinepietroribeirooliveira@gmail.com)

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Iguazu – RJ [ni\\_amanda@hotmail.com](mailto:ni_amanda@hotmail.com)

<sup>5</sup> Graduando do Curso de XXXXX da Universidade Federal - UF, [autorprincipal@email.com](mailto:autorprincipal@email.com);



## INTRODUÇÃO

O abuso infantil constitui uma das mais graves violações dos direitos humanos e representa um desafio ético, social e educativo de grande complexidade. A violência contra crianças assume diferentes formas — física, psicológica, sexual e por negligência — e compromete o desenvolvimento emocional, cognitivo e social das vítimas. Como destacam Assis e Avanci (2018), a infância é um período decisivo para a formação da subjetividade e das relações de confiança; quando essa fase é marcada pela violência, os efeitos podem repercutir por toda a vida.

A escola, como espaço de convivência e aprendizagem, ocupa um papel estratégico na prevenção e identificação de casos de abuso infantil. Educadores, ao manterem contato cotidiano com os alunos, podem observar sinais comportamentais e emocionais que indicam situações de risco (Faleiros, 2015). Nesse contexto, o projeto “Calendário Colorido: Arco-Íris da Educação e Saúde” surge como uma ação interdisciplinar de conscientização e prevenção, voltada à Educação Básica, integrando a formação em saúde, educação e direitos humanos.

Este artigo tem por objetivo analisar a experiência do projeto, enfatizando o uso do desenho como instrumento de acesso às representações simbólicas das crianças acerca do abuso infantil, reconhecendo nesse recurso uma forma sensível e não verbal de expressão e comunicação.

## 2. Referencial Teórico

A prevenção do abuso infantil constitui um desafio ético, político e educacional que exige a articulação entre múltiplos setores da sociedade. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei nº 8.069/1990) estabelece o princípio da proteção integral, reconhecendo a criança como sujeito de direitos e atribuindo à família, à escola, ao Estado e à comunidade a responsabilidade compartilhada pela sua formação e segurança. Assim, a prevenção do abuso deve ser compreendida não apenas como uma ação assistencial, mas como uma prática educativa e cidadã, voltada à emancipação dos sujeitos e à construção de uma cultura de respeito e dignidade.

Do ponto de vista psicossocial, Bowlby (1989) argumenta que o estabelecimento de vínculos afetivos seguros é essencial para o desenvolvimento saudável da criança, sendo as experiências precoces determinantes na constituição da confiança e da



autoestima. A ruptura desses vínculos, típica das situações de violência e negligência, gera impactos profundos na estrutura emocional e nas relações interpessoais futuras. Complementarmente, Assis e Avanci (2018) apontam que o abuso infantil configura uma violência estrutural e intergeracional, perpetuada por desigualdades sociais, negligência institucional e ausência de políticas de cuidado.

No campo educacional, a escola emerge como um espaço privilegiado de prevenção, identificação e intervenção. Libâneo (2012) e Imbernón (2010) defendem que o papel do professor transcende a transmissão de conteúdos, devendo abranger a formação ética e cidadã, a escuta sensível e o acolhimento das experiências dos alunos. Essa perspectiva aproxima-se da pedagogia freiriana, segundo a qual educar é um ato político e libertador, orientado pela construção da consciência crítica e pela promoção dos direitos humanos (FREIRE, 1996).

Nesse contexto, a adoção de práticas pedagógicas que abordem temas sensíveis, como o abuso infantil, requer metodologias dialógicas e expressivas, capazes de integrar emoção, cognição e linguagem simbólica. O desenho infantil, enquanto forma de comunicação não verbal, constitui um instrumento potente para acessar dimensões subjetivas da experiência da criança.

Conforme Vygotsky (1998), o desenho é uma linguagem mediadora entre o pensamento e o sentimento, possibilitando à criança representar o mundo e elaborar simbolicamente suas vivências. De maneira convergente, Lowenfeld e Brittain (1977) entendem que o ato de desenhar traduz o modo como a criança percebe e interpreta a realidade, permitindo que ela expresse conteúdos internos de difícil verbalização. Assim, o desenho pode ser compreendido como um meio de investigação psicológica e pedagógica, revelando percepções, medos e expectativas.

A utilização do desenho como recurso metodológico, portanto, não se limita à dimensão estética, mas assume caráter terapêutico, educativo e investigativo. Ao criar um espaço seguro e lúdico para a expressão, a escola contribui para que as crianças elaborem seus sentimentos e reconheçam situações de violência como violações de seus direitos. Tal abordagem, sustentada por princípios freirianos de diálogo e humanização, insere-se na perspectiva de uma educação transformadora, que visa empoderar o sujeito infantil e fortalecer os laços de cuidado e proteção no ambiente escolar.

Desse modo, o referencial teórico que orienta este estudo compreende o abuso infantil como fenômeno multidimensional, demandando ações preventivas integradas e pedagogias sensíveis às linguagens da infância. Ao utilizar o desenho como mediação



simbólica, o presente trabalho se ancora em uma concepção de educação que reconhece a criança como sujeito ativo, capaz de construir significados, representar suas emoções e participar de forma consciente da promoção de sua própria segurança e bem-estar.

### 3. Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida no âmbito do projeto “Calendário Colorido: Arco-Íris da Educação e Saúde”, implementado em 2024 em uma escola pública municipal do Ensino Fundamental. A proposta surgiu a partir de uma demanda da gestão escolar, que identificou a necessidade de trabalhar temas sensíveis como alcoolismo, uso de drogas e abuso infantil com as turmas do 5º ano, diante de relatos de vulnerabilidade social e familiar entre os estudantes.

Do ponto de vista epistemológico, o estudo fundamenta-se na abordagem qualitativa de caráter descritivo e exploratório, que, segundo Minayo (2014), busca compreender os significados, percepções e experiências subjetivas dos sujeitos em seus contextos sociais. Essa perspectiva foi escolhida por permitir uma aproximação interpretativa das representações simbólicas e afetivas expressas pelas crianças sobre o tema do abuso infantil.

A metodologia adotada foi o método do desenho nas oficinas pedagógicas, compreendido aqui como uma forma de expressão simbólica e mediadora da linguagem infantil (Vygotsky, 1998; Lowenfld; Brittain, 1977). Essa escolha se justifica pela dificuldade que crianças em idade escolar têm em verbalizar sentimentos complexos, especialmente quando relacionados a experiências de medo, insegurança ou violência. O desenho, nesse contexto, funciona como recurso comunicativo e projetivo, possibilitando o acesso às dimensões subjetivas da experiência.

As oficinas educativas foram conduzidas pela pesquisadora bolsista e pela professora orientadora, em parceria com a equipe pedagógica da escola. Inicialmente, realizou-se uma conversa introdutória e reflexiva sobre temas relacionados à proteção, autocuidado e direitos das crianças, utilizando linguagem acessível e estratégias lúdicas. Em seguida, os alunos foram convidados a produzir desenhos livres que representassem o que entendiam por cuidado, proteção e situações de perigo ou desconforto.

As produções gráficas foram posteriormente analisadas com base na análise de conteúdo de inspiração temática (Bardin, 2016), a qual permite identificar padrões simbólicos, recorrências e contrastes visuais. A análise considerou elementos como



formas, cores, distribuição espacial, ausência ou presença de figuras humanas e símbolos associados à proteção ou à ameaça. O processo interpretativo buscou compreender como as crianças representam visualmente suas percepções sobre o abuso infantil e a segurança afetiva, sem pretensão diagnóstica, mas com foco na dimensão educativa e preventiva.

Todos os procedimentos obedeceram aos princípios éticos em pesquisa com seres humanos, conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Foram obtidos termos de consentimento livre e esclarecido junto aos responsáveis legais, bem como termos de assentimento das crianças participantes. Garantiu-se o anonimato, o sigilo das informações e o respeito à integridade emocional dos envolvidos, assegurando um ambiente seguro e acolhedor durante as atividades.

Em síntese, a metodologia aqui delineada parte da compreensão de que as representações gráficas das crianças são expressões legítimas de sua visão de mundo, e que a escuta dessas vozes visuais pode oferecer subsídios valiosos para práticas pedagógicas e políticas públicas voltadas à prevenção do abuso infantil e à promoção dos direitos humanos na infância.

#### **4. Resultados e Discussão**

A análise das representações gráficas produzidas pelas crianças revelou uma rica diversidade de expressões simbólicas e afetivas, traduzindo sentimentos de medo, tristeza, esperança e desejo de proteção. As produções indicam que, mesmo diante de temas delicados como o abuso infantil, as crianças são capazes de elaborar simbolicamente suas percepções e experiências, transformando o desenho em uma forma legítima de comunicação e reconstrução de sentido.

Em várias produções, observaram-se figuras de adultos acolhedores, como professores, familiares e profissionais da escola, representados em posturas protetoras ou próximas das crianças. Essa presença simbólica sugere o reconhecimento de que a proteção, o diálogo e o afeto são caminhos percebidos pelas crianças como fundamentais para a segurança emocional e física. Elementos como corações, mãos dadas e o uso de cores vivas emergiram de modo recorrente, representando vínculos de cuidado, empatia e solidariedade. Esses achados reforçam a ideia de que o ambiente escolar pode se constituir como espaço de confiança, acolhimento e reconstrução da autoestima infantil, conforme defendem Libâneo (2012) e Imbernón (2010), ao enfatizarem o papel social e humanizador da escola.



Por outro lado, algumas representações apresentaram traços sombrios, fragmentados ou ausência de figuras humanas, o que pode sinalizar experiências emocionais associadas à insegurança, medo ou isolamento. Nesses casos, o silêncio gráfico expressa aquilo que é difícil de ser dito, reiterando a relevância de práticas pedagógicas que escutem as linguagens não verbais da infância. Segundo Vygotsky (1998), o desenho constitui uma linguagem simbólica mediadora, pela qual a criança traduz e reorganiza suas vivências internas em formas visuais. Assim, o ato de desenhar não se restringe à reprodução estética, mas assume uma função cognitiva, emocional e social, permitindo à criança representar, reelaborar e ressignificar experiências de vida.

As oficinas se mostraram, portanto, um espaço dialógico e terapêutico de expressão simbólica, possibilitando que os participantes externalizassem emoções, refletissem sobre seus direitos e desenvolvessem um senso ampliado de autoproteção e cidadania. Ao favorecer o diálogo entre escola, criança e família, a intervenção contribuiu para fortalecer redes de confiança e solidariedade, o que vai ao encontro do que propõe Freire (1996): uma educação que humaniza, liberta e transforma.

De modo geral, os resultados confirmam o potencial do trabalho pedagógico com intencionalidade social, articulando expressão artística, reflexão crítica e educação em direitos humanos. Essa abordagem se insere na perspectiva de uma pedagogia da prevenção e da escuta, comprometida com a formação integral da criança e com a construção de uma cultura de paz e proteção no ambiente escolar.

## 5. Considerações Finais

O estudo evidenciou que o uso do desenho como instrumento pedagógico e investigativo permite acessar as representações simbólicas e afetivas das crianças sobre temas complexos, como o abuso infantil. Essa abordagem promove o diálogo entre emoção e cognição, favorecendo a construção de uma consciência crítica acerca da própria proteção e do direito de ser cuidado.

E assim, permitiu compreender que a prevenção do abuso infantil, quando inserida no contexto escolar, constitui uma ação educativa essencial e emancipatória, fundamentada no diálogo, na escuta e na valorização das múltiplas linguagens da infância. As representações gráficas analisadas evidenciaram que as crianças possuem formas próprias de elaborar e comunicar sentimentos, e que o desenho se configura como uma



ferramenta potente de expressão simbólica e emocional, capaz de revelar percepções sobre segurança, medo e afeto.

Recomenda-se a continuidade e ampliação de iniciativas preventivas que envolvam a escola, a família e a comunidade, assim como a realização de novos estudos interdisciplinares sobre as representações sociais do abuso infantil em diferentes faixas etárias e contextos socioculturais.

Além disso, a experiência relatada aponta para a importância de integrar ações pedagógicas preventivas às políticas educacionais e de assistência social, de modo a fortalecer a rede de proteção intersetorial entre escola, família e comunidade. Essa integração responde ao princípio da proteção integral da criança, previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), e reforça a necessidade de práticas formativas que abordem o tema da violência de forma ética, crítica e contextualizada.

Como implicação prática, recomenda-se a continuidade e ampliação de projetos de educação preventiva, valorizando metodologias participativas e expressivas — como o uso do desenho, do jogo simbólico e da contação de histórias —, que possibilitem à criança reconhecer seus direitos, desenvolver autonomia emocional e fortalecer estratégias de autoproteção.

Por fim, o estudo reafirma que a prevenção do abuso infantil é uma responsabilidade coletiva, que ultrapassa os limites da escola e convoca toda a sociedade a assumir um compromisso ético com a infância. Ao investir em ações pedagógicas sensíveis, dialógicas e integradas, contribui-se não apenas para a formação integral das crianças, mas também para a construção de uma cultura de paz, empatia e respeito à dignidade humana.

## Referências

ASSIS, Simone Gonçalves de; AVANCI, Joviana. **Violência e abuso sexual na infância: desafios para a atenção e proteção**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOLÍVAR, Antonio. **A identidade profissional dos professores**. In: **Formação de professores: aprender a ensinar e a aprender**. Porto: Porto Editora, 2009.

BOWLBY, John. **Apego e perda: apego**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.



BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA): Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Brasília: Senado Federal, 1990.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais.** Porto: Porto Editora, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, Bernadete Angelina. **A formação de professores no Brasil: características e problemas.** Educação & Sociedade, Campinas, v. 40, n. 147, p. 1-19, 2019.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora.** São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NÓVOA, António. **Profissão professor.** 2. ed. Porto: Porto Editora, 2009.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola.** Porto

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores: identidade e saberes da docência.** São Paulo: Cortez, 2012.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 1992.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

